



## A Prisão através dos Sentimentos e Percepções dos Apenados

*Victor Emanuel Lima Bezerra<sup>1</sup>; Nikellyo kênio Maia Monteiro<sup>2</sup>;  
Julyanne de Oliveira Paes Barretto<sup>3</sup>; Athena de Albuquerque Farias<sup>4</sup>*

**Resumo:** A instituição carcerária possui como finalidade um novo processo de aprendizagem que permita um convívio social apropriado. Objetivos: Conhecer as representações sociais da prisão pelos encarcerados, bem como seus sentimentos e percepções relacionadas à mudança de vida. Método: Os dados foram obtidos de entrevistas e o material foi examinado com base na análise de conteúdo, subsidiados pela Teoria das Representações Sociais. Resultados: Os resultados no levam a crer que as Representações sociais da prisão parecem fortalecer suas convicções de que se trata de um lugar sem perspectivas e que provoca sensações desagradáveis. Observou-se que em alguns momentos, eles percebem que podem compartilhar bons momentos. Suas percepções transmitem Representações, tanto positivas quanto negativas. As concepções relativas à mudança de vida, são vistas como: socializadora, onde eles observam a própria mudança de vida e repensa sua atual condição e, em outros casos, como não socializadora, quando percebem o lado desfavorável do encarceramento. Conclusão: A realização deste estudo permitirá uma ampliação da compreensão da prisão, enquanto instituição, permitindo discutir-se até que ponto a mesma é promotora de uma re-socialização eficaz, resguardando os seus direitos de cidadãos e garantindo-lhes o respeito da sociedade.

**Palavras-chave:** Prisão; Representações sociais; Encarcerados.

<sup>1</sup> Bacharel em Direito pela Universidade Regional do Cariri e Segurança Pública pela Academia de Polícia Militar General Edgard Facó. Especialista em Direito Constitucional, Direitos Humanos Fundamentais pela Universidade Regional do Cariri- URCA e, Docência do Ensino Superior pela Universidade Pitágoras Unopar. Possui formação como Oficial Multiplicador de Direitos Humanos e Direito Internacional Humanitário pela Academia de Polícia Militar General Edgard Facó – APMGEF. Tenente Coronel e Professor de Cursos Preparatórios para Concursos na área de segurança pública desde 2009. victorbezerra1@hotmail.com;

<sup>2</sup> Graduação em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba. Atualmente é Psicólogo Hospitalar; Terapeuta Cognitivo Comportamental e Psicólogo do CAPSad de Cajazeiras-PB. nikellyo@hotmail.com;

<sup>3</sup> Graduação em Direito pela Faculdade Metropolitana do Grande Recife (FMGR); Pós-graduação em Gestão de pessoas pela Faculdades Integradas de Cruzeiro; Pós-graduação em Direito Previdenciário pela Faculdade Dom Alberto. E-mail: july\_paes2@hotmail.com;

<sup>4</sup> Advogada formada pelo Centro Universitário dos Guararapes – UNIFG. Especialista em Direito Processual do Trabalho pela Faculdades Integradas de Cruzeiro - SP. Mestrado em Sustainable Development pela Università degli Studi di Milano, Milão, Itália. athena.farias@gmail.com.

## The Prison through the Feelings and Perceptions of the Defendants

**Abstract:** The purpose of the prison institution is a new learning process that allows an appropriate social interaction. Objectives: To know the social representations of prison by those incarcerated, as well as their feelings and perceptions related to life change. Method: Data were obtained from interviews and the material was examined based on content analysis, supported by the Theory of Social Representations. Results: The results lead us to believe that the social representations of prison seem to strengthen their convictions that it is a place without perspectives and that it causes unpleasant sensations. It was observed that in some moments, they realize that they can share good times. Your perceptions convey Representations, both positive and negative. The conceptions related to life change are seen as: socializing, where they observe their own life change and rethink their current condition and, in other cases, as non-socializing, when they perceive the unfavorable side of incarceration. Conclusion: The realization of this study will allow an expansion of the understanding of the prison, as an institution, allowing to discuss the extent to which it promotes an effective re-socialization, protecting their rights as citizens and guaranteeing them the respect of society.

**Keywords:** Prison; Social representations; Incarcerated.

### Introdução

A vida em sociedade exige um complexo de normas disciplinadoras que estabeleça regras indispensáveis ao convívio entre os indivíduos que a compõem. Tal conjunto de regras deve ser obedecido e cumprido por todos os integrantes do grupo social e prevê conseqüências e sanções aos que violarem seus preceitos.

A prisão é um lugar de reclusão, uma espécie de penitência para os que transgridem as regras estabelecidas pela sociedade, isto é, para aqueles que cometeram algum tipo de crime. Ela deveria ser um lugar para se repensar valores, para se aprender uma atividade ou profissão e para se reeducar. No entanto, como se vê diariamente nos noticiários, parece ser um lugar de dor, sofrimento e, até mesmo, de expansão do próprio crime.

As instituições carcerárias não permitem qualquer contato entre o internado e o mundo exterior, até porque o objetivo parece ser a exclusão deste, do convívio social, a fim de que absorva totalmente as regras internas, evitando-se comparações, prejudiciais ao seu processo de aprendizagem (GOFFMAN, 1974; MONTEIRO e CARDOSO, 2013).

Há todo um impedimento à relação social com o mundo externo. Para simbolizar essa barreira, há restrições severas à saída que muitas vezes estão incluídas no esquema físico do ambiente carcerário como: portas fechadas, paredes altas, arame farpado, fossos, água, florestas. Nas prisões há quase sempre um grupo enorme de internados e uma pequena equipe de supervisão. O internado vive na instituição e tem contato restrito com o mundo existente

fora das suas paredes, não possuindo, muitas vezes, a possibilidade de enviar ou receber uma simples carta ao ambiente externo, sem passar pela supervisão (VARELLA, 1999).

Dentro da instituição prisional, o ser humano passa por uma espécie de desprogramação (GOFFMAN, 1974; MONTEIRO e CARDOSO, 2013), um processo desumano, que começa com sua recepção, por meios de rituais conhecidos como boas-vindas, onde a equipe de supervisão, o grupo de internados, ou ambos, procuram deixar de forma bem clara a situação inferior do recém-chegado, no grupo em que está adentrando.

Ao ser admitido no presídio, após passar pelo seletivo processo de recrutamento do sistema penal, entre as pessoas mais pobres, minorias, humildes e sem instrução, o indivíduo é despido de sua aparência usual, ele é identificado, é tirada a sua fotografia, impressões digitais, distribuídas roupas da instituição, resumindo, um verdadeiro processo de despersonalização. Um indivíduo não é mais um indivíduo, ele passa a ser uma engrenagem no sistema da instituição, e que deverá obedecer a todas as regras da mesma, e caso não o faça, será reeducado pelos próprios companheiros ou pela equipe de supervisão (VARELLA, 1999; COELHO e CARVALHO FILHO, 2012).

Além da deformação pessoal que decorre do fato de a pessoa perder seu conjunto de identidade, existe a “*desfiguração pessoal que decorre de mutilações diretas e permanentes do corpo – por exemplo, marcas ou perda de membros*” (GOFFMAN, 1974, p. 29). O importante é deixar claro ao indivíduo que o mesmo está num ambiente que não garante sua própria integridade física. Entretanto, seguindo o sistema, poderá não lhe ocorrer nada.

O encarceramento leva o internado a se afastar de problemas, a fim de evitar incidentes, relevando sua autonomia de vontade, buscando sempre um comportamento que o afaste de sofrimentos físicos e psicológicos.

A desprogramação do indivíduo chega a ser, por vezes tão violenta, que chegada à época de saída do presídio, com o cumprimento final de sua pena, são relatados casos de ansiedade, angústia e medo de se adaptarem novamente a sociedade, haja vista que estão perfeitamente adaptados às regras de sua instituição prisional. (GOFFMAN, 1974).

Sabemos que a recuperação do preso passa pela manutenção de sua referência com o mundo exterior, tais como, a família, o meio de trabalho, o bairro onde reside, quanto mais esses referenciais forem afastados (e o são), mas difícil será sua readaptação posterior à sociedade. Pode ser que, após um longo período, adaptado pelas forças de sua instituição carcerária, o mesmo já não consiga se adaptar a uma sociedade livre.

Assim, conhecer as representações sociais dos encarcerados acerca da instituição prisional a que está submetido, poderá oferecer uma contribuição importante para a determinação da ocorrência ou não da transformação pretendida com o aprisionamento.

A Teoria das Representações Sociais, segundo Moscovici (1984), busca a identificação do modo de pensar de determinados grupos sociais acerca de um objeto específico, pela explicitação dos construtos que caracterizam um esquema mental determinado. Sendo assim, acreditamos que uma transformação passa pelas Representações Sociais que fazem os indivíduos a ela submetidos.

Como afirma o mesmo autor, é a “*Representação social compreendida como a elaboração de um objeto social pela comunidade, com o propósito de conduzir-se e comunicar-se*”, portanto um instrumento de agregação e de socialização do saber de um grupo social (MOSCOVICI, 1984 p.251).

As Representações sociais dessas instituições trazem para a sociedade o retrato do seu funcionamento, o que poderá proporcionar uma melhor compreensão dos problemas ali existentes, bem como subsidiar novas propostas de solução dos mesmos.

No Município de Juazeiro do Norte/CE, instalou-se um presídio. Mais uma instituição de reclusão de pessoas. São dotações orçamentárias públicas que precisam cumprir o fim a que se destinam, no caso, a ressocialização do apenado. Neste sentido, e diante do exposto, acreditamos ser importante conhecer as Representações Sociais dos detentos com relação à instituição prisional, de maneira que estas permitam traçar diretrizes mais efetivas de ajuda a seus usuários. Devemos lembrar o ensinamento de Foucault (1996) no sentido de que a obriedade da prisão se fundamenta também em seu papel, suposto ou exigido, de aparelho de transformar os indivíduos.

O presente estudo foi realizado nos moldes de uma pesquisa de campo, de natureza exploratória, e buscou conhecer, não somente as representações sociais da prisão pelos encarcerados, mas também seus sentimentos e percepções relacionadas à mudança de vida.

O estudo foi realizado no Presídio Municipal de Juazeiro do Norte em fevereiro de 2019. A escolha da instituição deveu-se ao fato de ser esta administrada pelo poder público. A investigação das suas representações sociais, e o papel da instituição numa possível mudança efetiva no estilo de vida dos presos, bem como o registro dos seus sentimentos é uma contribuição importante para que se possa propor alternativas que venham a minimizar as dificuldades provocadas pelo encarceramento.

Os dados foram obtidos a partir de entrevistas, com os detentos, que no momento da entrevista concordaram em participar do estudo. As informações foram coletadas diretamente a partir do relato dos entrevistados, através de formulário, construído para o propósito da pesquisa.

A análise final foi feita através de um levantamento das entrevistas, visando se chegar a uma compreensão das suas percepções, com base nos estudos das representações sociais que, de alguma forma orientam suas ações. A escolha da teoria se justifica, tendo em vista que, segundo Coutinho (2001), um diagnóstico com base nas Representações Sociais processa um exame a nível cognitivo do grupo, que permite ao pesquisador uma melhor apreensão dos aspectos compartilhados de uma representação.

A entrevista semi-dirigida, de questões abertas, versou sobre a percepção de prisão, da mudança de vida que a mesma provoca e, sobre os sentimentos relacionados à condição de estarem presos. Para um maior entendimento sobre as representações sociais de prisão foram necessárias as seguintes perguntas:

1. Quais as primeiras palavras que lhe vêm à mente quando eu falo prisão? 2. O que representa para você a palavra prisão?; 3. Há quanto tempo você está preso?; 4. O que mudou na sua vida depois que você ficou preso?; 5. Quais os sentimentos que lhe chegam agora, quando você se percebe preso?

Foram efetuadas visitas ao estabelecimento prisional onde os sujeitos foram contactados e responderam individualmente às entrevistas.

O material foi examinado com base na análise de conteúdo de Bardin (1991), que é, segundo o autor,

“Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens...” (p 42).

Esta técnica permite ao pesquisador fazer inferências sobre as mensagens inventariadas, articulando o discurso com o contexto de produção. Assim, baseando-se nesse contexto teórico-metodológico, utilizou-se a análise de conteúdo, tomando-se por base os objetivos propostos nesse estudo, subsidiados na teoria das Representações Sociais.

O *corpus* foi constituído por vinte e uma entrevistas, onde, após a leitura flutuante foram definidas as categorias emergentes. Para a escolha das unidades de análise, esta técnica

baseou-se na abordagem de Vala (1986). Em sua abordagem, geralmente, só existem dois tipos de unidades: formais e semânticas. As unidades formais incluem palavras, frases, um personagem ou a intervenção do locutor; as unidades semânticas compreendem o tema ou a unidade de informação.

Neste estudo, optou-se pelas unidades de contexto, que, segundo definições do referido autor, são compreendidas pelos segmentos mais largos de conteúdo.

Após a decomposição do *corpus* e a codificação dos temas agrupou-se o material em subcategorias e categorias simbólicas.

O *corpus* foi agrupado em conjuntos de categorias, no caso das Representações Sociais de prisão, da percepção de mudança de vida e dos sentimentos dos apenados quando se percebem nesta condição.

Segundo Maritza Monteiro (s/d), construir representações sociais envolve ao mesmo tempo a proposição de uma identidade e de uma interpretação da realidade. Isso significa que, quando sujeitos sociais constroem e organizam campos representacionais, eles o fazem de forma a dar sentido à realidade, a apropriá-la e interpretá-la. Ao assim fazê-lo, também dizem quem são, como entendem a si mesmos e a outros, como se situam no campo social e, quais são os recursos cognitivos e afetivos que lhes são acessíveis, em um dado momento histórico. As representações sociais, portanto, expressam a identidade de quem está envolvido no trabalho representacional, pois não há trabalho representacional sem um limite identificatório entre o Eu e o Não Eu. (SCHIVITZ, 2006; WACHELKE e CAMARGO, 2007).

Jovchelovitch (2000), outra autora que tem trabalhado com representações sociais, propõe classificações ao dizer, que as representações sociais são estruturas que envolvem, simultaneamente, a cognição, os afetos e a ação. A cognição, porque as representações sociais envolvem certo modo de conhecer o mundo. Elas são saberes sociais, isto é, formas de saber e fazer que está inserido em uma sociedade, que fazem parte da cultura popular, erudita e científica, que se mesclam e penetram umas nas outras e, emergem como recursos que uma comunidade dispõe para dar sentido a sua realidade e entender seu cotidiano (FÉLIX e ANDRADE, 2016).

No caso dos afetos, porque saber envolve o desejo de saber ou o desejo de não saber, envolve investimento e paixão, em relação ao objeto do saber e ao ato do saber.

A ação, estaria relacionada a cognição e aos afetos. São atividades, que envolvem sujeitos, que falam, relacionam-se, engajam-se e, dessa forma, atuam. Logo estas atividades são práticas sociais e elas envolvem fazeres de várias ordens.

## Resultados

Compuseram o grupo de pesquisa, 21 apenados e, no intuito de melhor compreender os resultados obtidos no levantamento sobre as Representações Sociais de prisão, inicialmente, tratamos de apresentar informações que permitam caracterizar os sujeitos que participaram do estudo.

A variável sexo apresentou-se quantitativamente equilibrada, uma vez que dos 21 presos que aceitaram participar do estudo, 10 (47,6%) foram do sexo masculino e 11 (52,4%) foram do sexo feminino.

Observou-se a faixa etária dos sujeitos, que se mostrou bastante variável.

**Tabela 1.** Faixa Etária dos Presidiários. Juazeiro do Norte – 2019

FAIXA ETÁRIA	SEXO					
	MASCULINO		FEMININO		TOTAL	
	n	%	n	%	n	%
18 – 22	4	40,0	5	45,6	9	42,9
23 – 27	2	20,0	-	-	2	9,5
28 -32	1	10,0	1	9,0	2	9,5
33 -37	1	10,0	1	9,0	2	9,5
38 – 42	1	10,0	1	9,0	2	9,5
> 42	1	10,0	3	27,4	4	19,1
<b>TOTAL</b>	<b>10</b>	<b>100</b>	<b>11</b>	<b>100,0</b>	<b>21</b>	<b>100,0</b>
FAIXA ETÁRIA POR SEXO	MÍNIMO	MÁXIMO	MÉDIA	DESVIO PADRÃO		
FEMININO	18	65	32,3	15,26		
MASCULINO	20	44	29,0	9,03		

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

As idades variaram entre dezoito e sessenta e cinco anos. A maior frequência ocorreu na faixa etária entre dezoito e vinte e dois anos, com nove apenados, representando 42,9% dos presos da amostra.

Com relação ao sexo, a maior frequência no sexo masculino ocorreu na faixa entre dezoito e vinte e dois anos, com 40,0% dos presos e, no sexo feminino, a maior frequência também ocorreu na faixa de dezoito a vinte e dois anos, com 45,6% das detentas.

Com relação à religião, a amostra apresentou o seguinte perfil:

**Tabela 2.** Religião dos Presidiários, segundo o Sexo. Juazeiro do Norte – 2019

FAIXA ETÁRIA	SEXO					
	MASCULINO		FEMININO		TOTAL	
	n	%	n	%	n	%
Católica	7	70,0	10	90,9	17	81,0
Protestante	1	10,0	1	9,1	2	9,5
Outra	2	20,0	-	-	2	9,5
<b>TOTAL</b>	<b>10</b>	<b>100,0</b>	<b>11</b>	<b>100,0</b>	<b>21</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

A religião católica predominou, tanto entre o sexo feminino (70,0%) quanto entre o sexo masculino (90,9%). Indagados sobre o quanto são religiosos, numa escala de um a dez, 23,8% responderam 5 e 23,8% responderam 7, na escala proposta. Estas foram as maiores frequências.

Com relação ao fato de estarem ou não presos injustamente, os resultados foram os seguintes: 70% dos homens responderam que sim, que se sentem injustiçados na sua reclusão, enquanto que entre as mulheres, 36,4% sentem-se presas injustamente.

**Tabela 3.** Estar Preso Injustamente entre os presidiários, segundo o sexo. Juazeiro do Norte.

Está preso injustamente?	SEXO					
	MASCULINO		FEMININO		TOTAL	
	n	%	n	%	N	%
SIM	7	70,0	4	36,4	11	52,4
NÃO	3	30,0	7	63,6	10	47,6
<b>TOTAL</b>	<b>10</b>	<b>100,0</b>	<b>11</b>	<b>100,0</b>	<b>21</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

As evocações relativas a percepção de prisão, concepção de mudança de vida e sentimentos relacionados à sua condição de apenados foram distribuídas em categorias e subcategorias, de acordo com o quadro a seguir.

**Tabela 4:** Distribuição das Categorias e Subcategorias

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	N. DE UNIDADE DE ANÁLISE
<b><u>CATEGORIA 1 – (PP)</u></b> <i>Percepção de Prisão</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Desfavorável</li> <li>Favorável</li> </ul>	45 06
<b><u>CATEGORIA 2 – (CMV)</u></b> <i>Concepção de Mudança de vida</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Socializadora</li> <li>Não socializadora</li> </ul>	12 09
<b><u>CATEGORIA 3 – (SEN)</u></b> <i>Sentimentos relacionados à sua condição</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Positivos</li> <li>Negativos</li> </ul>	05 20

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

A **CATEGORIA 1 - Percepção de Prisão (PP)** - Engloba as unidades de análise temáticas em que os sujeitos definem a percepção que possuem de prisão, segundo suas concepções. Esta categoria agrupa as seguintes subcategorias: Desfavorável; Favorável.

Quadro 1: Distribuição Das Unidades Temáticas Sobre As Subcategorias Da Percepção De Prisão Pelos Sujeitos.

SUBCATEGORIAS DA PERCEPÇÃO DE PRISÃO	UNIDADES DE ANÁLISE
<b>Desfavorável</b>	“atraso de vida”; “desespero”; “desgosto grande”; “desgraça”; “solidão”; “extremamente mal”; “coisa grave”; “humilhação”; “inferno”; “matar”; “mau”; “medo”; “raiva”; “ruim”; “reincidente”; “triste”; “vontade de chorar”; “vontade de matar”; “coisa terrível”; “como se estivesse morto”; “decepcionada”; “sou ré”; “injusta”; “ilícita”; “causando problemas”; “alta classe é desvio da pena”; “droga”; “lugar de sofrimento”; “pesado”; “sofrimento”; “lugar de sofrimento”; “não ter reconhecimento”; “tudo de ruim”; “triste”; “porque errei”.
<b>Favorável</b>	“boas amizades...”; “lição de vida...”; “arrependimento”; “Jesus”; “misericórdia”; “liberdade”.

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Observam-se quarenta e cinco (45) referências a prisão como algo desagradável e apenas seis (06) como algo agradável. Estes resultados estão de acordo com as considerações de Viñar (1992) que observou nestas instituições muitos atos ligados à violência e tortura psicológica, além do próprio ambiente insalubre a que são expostos.

Também Adorno (1991), observou em suas pesquisas realizadas na década de 70 e 80 que, nestas instituições há o predomínio da incerteza, da tendência ao isolamento e ao do sentimento de medo, geradores de estresse.

A **CATEGORIA 2** - Concepção de Mudança de vida (CMV) - Engloba as unidades de análise temáticas em que os sujeitos definem sua concepção relativamente à mudança de vida. Esta categoria agrupa as seguintes subcategorias: Socializadora e Não socializadora.

**Quadro 2:** Distribuição das Unidades Temáticas sobre as Subcategorias Concepção de Mudança de Vida concebida pelos sujeitos.

SUBCATEGORIAS DA CONCEPÇÃO DE MUDANÇA DE VIDA	UNIDADES DE ANÁLISE
Socializadora	<i>“mudou muito”; “mudou tudo”; “mudou maneira de pensar”; “não vou mais fazer o que fiz”; “mudou tudo, penso em estudar”; “não vou mais fazer”; “não estar bebendo”; “um período de reflexão”; comportamento para melhor”; “dou mais valor a mim”; “penso em não fazer mais”; “estou pagando meu dever”;</i>
Não socializadora	<i>“fiquei longe dos meus”; “longe da mãe, amigos, namorada”; “fiquei revoltada”; “a mesma que eu j’ tinha”; “ficar oprimido”; “perder a moral”; “ninguém acredita na verdade”; “separada dos meus familiares”; “perde trabalho, estudo, tudo”.</i>

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Percebe-se que houve doze (12) referências a uma concepção de prisão como socializadora e nove (09) referências a uma concepção não socializadora. Assim, se por um lado alguns detentos a observam como uma oportunidade para mudar de vida, repensar através da sua atual condição, as conseqüências dos seus atos, por outro lado, outros detentos sentem-se revoltados diante da falta de oportunidades geradas pela sua condição de presos e pela falta de perspectiva de futuro.

Segundo Oliven (1983) O povo e as autoridades, muitas vezes, esquecem-se da origem dos problemas sociais, como falta de emprego, desnutrição ou miséria e, sem o mínimo de

ponderação, rotulam membros da classe baixa a marginais. Em outras palavras, “*em vez de combater o desemprego, o estado combate o desempregado*” (p.14).

Adorno (1991) observou que a prisão, da forma como se apresenta hoje, não colabora para a ressocialização do preso, pois na verdade, ela abre “*espaço à construção subjetiva de identidades e carreiras delinquentiais, delimitando oportunidades prováveis de reincidência*” (p. 29).

A hipótese elaborada por Adorno (1991), de que a prisão ou o sistema carcerário em vigor, de alguma forma, colabora para a reincidência dos detentos no crime, está de acordo com o que já havia observado Paixão (1987), aonde a prisão seria uma escola de sofrimento e violência, que se desenvolveria com o aumento das barbáries, agravando cada vez mais a delinqüência e a criminalidade.

A **CATEGORIA 3** - Sentimentos relacionados à sua condição (**SEN**). Engloba as unidades de análise temáticas em que os sujeitos expressam seus sentimentos relativos à condição de encarcerados. Esta categoria agrupa as seguintes subcategorias: Positivos e Negativos.

**Quadro 3:** Distribuição das Unidades Temáticas sobre as Subcategorias - Sentimentos Relacionados à sua Condição de Encarcerado.

SUBCATEGORIAS DOS SENTIMENTOS RELACIONADOS À CONDIÇÃO DE ENCARCERADO	UNIDADES DE ANÁLISE
<b>Negativos</b>	“angústia”; “tristeza”; “condenada”; “desespero”; “desvio da sede de trabalhar”; “horível”; “briga”; “confusão”; “morrer”; “não me acostumo”; “raiva”; “sentimento ruim”; “solidão”; “um choque ser presa”; “vontade de matar”.
<b>Positivos</b>	“arrependimento”; “família”; “pai”; “mãe”; “rezo para voltar pra casa”; “ir embora”; “quero ir embora”.

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Quanto aos sentimentos expressos relativamente a sua atual condição, os sujeitos expressaram vinte (20) referências a sentimentos negativos e seis (06) a sentimentos positivos.

Estes sentimentos se justificariam, segundo Adorno (1991, p. 27) pela própria natureza repressiva dessas instituições que, segundo denúncias dos próprios detentos, utilizam-se de “*espancamentos, maus-tratos, violência sexual, má qualidade da alimentação e baixa*

*habitabilidade das celas*". O mesmo autor ainda nos informa que, na sociedade, a realidade pode ser ainda pior, devido à falta de oportunidades, à falta de perspectivas de trabalho e de meios para se auto-sustentar.

Assim, a prisão, não sendo percebida como uma instituição que favoreça a re-socialização de uma maneira eficaz, parece gerar nos detentos sentimentos negativos, relativamente a sua condição.

## Conclusões

A prisão parece tocar profundamente as emoções dos sujeitos, de maneira a provocar um efeito psicológico desencadeador de um comportamento de reflexão.

Trata-se de uma experiência emocional que tende a adquirir um significado existencial, ao longo da trajetória de vida desses indivíduos.

As Representações sociais de prisão parecem fortalecer suas convicções de que se trata de um lugar sem perspectivas: *"atraso de vida"*; *"desespero"*; *"solidão"*; *"extremamente mal"*; *"inferno"*; *"coisa terrível"*; *"como se estivesse morto"* e ainda que se trata de um lugar mau, que provoca sensações desagradáveis: *"desgosto grande"*; *"desgraça"*; *"humilhação"*; *"inferno"*; *"matar"*; *"mau"*; *"medo"*; *"raiva"*; *"ruim"*; *"triste"*; *"vontade de chorar"*; *"vontade de matar"*; *"decepcionada"*; *"injusta"*; *"ilícita"*; *"causando problemas"*; *"lugar de sofrimento"*; *"pesado"*; *"não ter reconhecimento"*; *"tudo de ruim"*; *"triste"*. Mas que em alguns momentos, eles percebem que podem compartilhar de *"boas amizades..."*; *"lição de vida..."*; *"arrependimento"*; *"Jesus"*; *"misericórdia"*; *"liberdade"*.

Alguns desses sentimentos parecem funcionar como um equilibrador do estresse causado pela reclusão, necessário para que se mantenham relativamente saudáveis no sentido emocional, durante o tempo de aprisionamento.

As percepções de alguns encarcerados transmitem de forma implícita, Representações, tanto positivas, inseridas à forma de metáforas, através de suas recordações de que possuem uma família: *"família"*; *"pai"*; *"mãe"*; *"rezo para voltar pra casa"*; *"ir embora"*; *"quero ir embora"*. Daí a sensação de *"arrependimento"*, quanto Representações negativas, tais como: *"angústia"*; *"tristeza"*; *"desespero"*; *"desvio da sede de trabalhar"*; *"não me acostumo"*; *"raiva"*; *"sentimento ruim"*; *"solidão"*; *"um choque ser presa"*; *"vontade de matar"*.

As concepções relativas à mudança de vida, são vistas de duas formas: uma socializadora, aonde eles observam a própria mudança de vida e repensam sua atual condição: *“mudou muito”; “mudou tudo”; “mudou maneira de pensar”; “não vou mais fazer o que fiz”; “mudou tudo, penso em estudar”; “não vou mais fazer”; “não estar bebendo”; “um período de reflexão”; comportamento para melhor; “dou mais valor a mim”; “penso em não fazer mais”; “estou pagando meu dever”* e, em outros casos, uma concepção não socializadora, quando percebem o lado desfavorável do encarceramento: *“fiquei longe dos meus”; “longe da mãe, amigos, namorada”; “fiquei revoltada”; “ficar oprimido”; “perder a moral”; “ninguém acredita na verdade”; “separada dos meus familiares”; “perde trabalho, estudo, tudo”*. A partir da sua forma de conceber a instituição e suas possibilidades ou entraves é que estes vão pautar sua linha de conduta, agregando ou não valores aos seus *modus vivendi*.

Também neste sentido, esses valores implicariam em atitudes e disposições psicológicas que reforçariam a importância das instituições como lugares ressocializadores. Isso não foi percebido como uma realidade, frente ao que foi observado pelo estudo.

O sofrimento a que estão submetidos parecem conferir aos encarcerados uma rede de significados, que, na maioria dos casos, não os ajudam a dar sentido ao encarceramento e as condições a que estão submetidos, haja vista a quantidade das representações desfavoráveis evocadas e de sentimentos negativos expressos.

As representações sociais pelos apenados, neste estudo, parecem ancoradas de forma análoga às consideradas pela população, de uma maneira geral.

Também se passa a entender o porquê, que através de diálogos e entrevistas é muito difícil conhecer-se a subjetividade real das pessoas, pois elas evidenciam representações sociais, em geral de senso comum. Já que é no seu íntimo, na personalidade, que se guardam suas verdadeiras motivações. E apenas essas pessoas sentem-se e conhecem-se em suas necessidades e tendências, que podem exacerbar-se em algum momento, em manifestações agressivas e/ou antissociais que os levam a condição de encarcerados.

A realização deste estudo não direciona caminhos nem impõe interpretações, visto que cada pessoa tem a sua opinião sobre esse desafio social e deve ser esta respeitada. Mas este, certamente contribuirá para que se possa ampliar a compreensão da prisão, enquanto instituição, e discutir até que ponto, a mesma, da forma em que é organizada no Brasil, é “socializadora”, resguardando os direitos dos cidadãos presos e garantindo aos mesmos o respeito da sociedade.

## Referências

ADORNO, S. A. A prisão sob a ótica de seus protagonistas. São Paulo: **Tempo social – Revista de Sociologia da USP**, 1991.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa, 70 ed., 1991.

COUTINHO, Maria da Penha de L. **Depressão infantil: uma abordagem psicossocial**, João Pessoa: Editora Universitária, 2001.

FÉLIX, Livia Botelho Félix; ANDRADE, Danyelle Almeida de; RIBEIRO, Fernanda Siqueira; CORREIA, Cristina Gonçalves, SANTOS, Maria de Fátima de Souza. O conceito de Sistemas de Representações Sociais na produção nacional e internacional: uma pesquisa bibliográfica. **Psicologia e Saber Social**, 5(2), 198-217, 2016. doi: 10.12957/psi.saber.soc.2016.20417198

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir – História das violências nas prisões**, Tradução de Raquel Ramallete, 13 ed. Petrópolis, Vozes, 1996.

GOFFMAN, Erwing. **Manicômios, Prisões e Conventos**, São Paulo, Perspectiva, 1974.  
MOSCOVICI, S. **Psychologie Sociale**, Paris: Press Universitaire de France, PUF, 1984;

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Representações sociais e esfera pública**. Editora Vozes. Petrópolis, 2000.

MONTEIRO, Maritza. BY COMMISSION DE ESTUDIOS DE POSGRADO. Facultad de Humanidades y Educación. **Universidad Central de Venezuela**. (s/d).

MONTEIRO, Felipe Mattos e CARDOSO, Monteiro Gabriela Ribeiro. A seletividade do sistema prisional brasileiro e o perfil da população carcerária: Um debate oportuno. In: Dossiê: Violência e Sociedade • Civitas, **Rev. Ciênc. Soc.** 13 (1) • Jan-Apr 2013 • <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2013.1.12592>

PAIXÃO, A. L. **Recuperar ou punir?: Como o Estado trata o criminoso**. São Paulo: Cortez/Autores associados, 1987.

SCHIVITZ, Ida Maria Mello. **Homens infames**. Disponível em < <http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/art13.html> >. Acesso em 19/04/2006.

VALA, Jorge. A análise de conteúdo in SILVA, A. S. e PINTO, J. M. (orgs.). 1986. **Metodologia das ciências sociais**. Porto: Edições Afrontamento, 1986.

VARELLA, Dráuzio. **Estação Carandiru**, São Paulo, Companhia das Letras, 1999.

VIÑAR, M. **Exílio e tortura**. São Paulo: Escuta, 1992.

WACHELKE, João Fernando Rech; CAMARGO, Brigido Vizeu. Representações sociais, representações individuais e comportamento. **Interam. j. psychol.**, Porto Alegre , v. 41, n.

3, p. 379-390, dez. 2007 . Disponível em  
<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-96902007000300013&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-96902007000300013&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 08 fev. 2022.



Como citar este artigo (Formato ABNT):

BEZERRA, Victor Emanuel Lima; MONTEIRO, Nikellyo kênio Maia; BARRETTO, Julyanne de Oliveira Paes; FARIAS, Athena de Albuquerque. A Prisão através dos Sentimentos e Percepções dos Apenados. **Id on Line Rev. Psic.**, Fevereiro/2022, vol.16, n.59, p. 188-202, ISSN: 1981-1179.

Recebido: 03/01/2021;

Aceito 10/02/2022;

Publicado em: 28/02/2022.